

Revista de Literatura,
História e Memória

Inter-relações entre
a literatura e a sociedade

ISSN 1983-1498 (versão eletrônica)

VOL. 5 - Nº 6 - 2009

UNIOESTE / CASCAVEL

P. 65-73

Recebido em: 06.05.2009

Aprovado em: 20.10.2009

METÁFORAS QUADRÚPEDES: SÃO BERNARDO E VIDAS SECAS, DE GRACILIANO RAMOS

PITT, Cristiano Paulo ¹

RESUMO: Este ensaio objetiva a análise sociológica da identidade animalizada das personagens principais das obras *Vidas Secas* e *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, mediante a coleta e o juízo, à luz de suporte teórico, de elementos dos respectivos textos, de modo que se chegue a conclusões que apontem não apenas para os romances em si mesmos, mas sejam expansíveis, demonstrando a universalidade das obras.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade, animalização, *São Bernardo*, *Vidas Secas*, Graciliano Ramos.

ABSTRACT: This essay intends to analyze sociologically the animalized identity of the main characters of the works *Vidas Secas* and *São Bernardo*, by Graciliano Ramos, by means of collecting and judging, with the help of appropriate theory, elements of each one of the texts, in order to reach conclusions that point not only to the books themselves but that be expansive, demonstrating work's universality.

KEYWORDS: Identity, animalization, *São Bernardo*, *Vidas Secas*, Graciliano Ramos.

O escritor alagoano Graciliano Ramos destacou-se no cenário da Literatura nacional a partir dos anos 1930, contribuindo para o que enquadrou-se didaticamente como *romance de 30* ou *neorrealismo*, tendência marcada pela ficção regional de cunho crítico e psicológico (BOSI, 1994, p. 390-395). Dentre a produção graciliana, destacam-se desde então com maior importância, como atestam o número de reedições e a ampla fortuna crítica produzida relacionada a elas, as obras *Vidas Secas* e *São Bernardo*, dois romances de caracterização marcadamente regional muito menos pela natureza do que pelas dificuldades que ela impõe aos personagens (idem, p. 400-405).

Em termos estruturais, no entanto, as coincidências não vão além disso, pois os conflitos, os protagonistas, o foco narrativo e o espaço diferem contundentemente, conforme veremos, de forma breve, abaixo.

- Os conflitos: Enquanto em *Vidas Secas* a luta é pela sobrevivência pura e simples, consequência da seca contínua que castiga o território nordestino, em *São Bernardo* temos um Paulo Honório cujo objetivo é subjugar todo o mundo ao seu redor, vencer a pobreza a qualquer custo, em suma, ser um adulto proprietário em substituição à criança miserável. As personalidades engendradas por Graciliano Ramos para serem os protagonistas, sendo assim, não poderiam deixar de ser radicalmente opostas. Tudo o que o Fabiano de *Vidas Secas* tem de fraqueza e resignação, Paulo Honório o tem de potência e objetividade:

Pois não estavam vendo que ele era de carne e osso? Tinha obrigação de trabalhar para os outros, naturalmente, conhecia o seu lugar. Bem. Nascera com esse destino, ninguém tinha culpa de ele haver nascido com um destino ruim. Que fazer? Podia mudar a sorte? Se lhe dissessem que era possível melhorar de situação, espantar-se-ia. (RAMOS, 2008, p. 97- *Vidas Secas*).

– Que justiça! Não há justiça nem há religião. O que há é que o senhor vai espichar trinta contos e mais os juros de seis meses. Ou paga ou eu mando sangrá-lo devagarinho. (RAMOS, 2006, p. 18- *São Bernardo*).

Os narradores: Estrategicamente escolhidos por Graciliano Ramos, também diferem muito. Em *São Bernardo* a narração fica a cargo do próprio protagonista, que vai, de memória, relatar sua história de vida, com todas as limitações que este método apresenta: dificuldades de lembrança, esquecimentos voluntários e involuntários, saltos temporais, emissões de juízo, revelação de preconceitos etc. Os excertos abaixo ilustram rapidamente o modo paulonorianiano de revelar-se:

Se tentasse contar-lhes a minha meninice, precisava mentir. (RAMOS, 2006, p. 16).

Essa conversa, é claro, não saiu de cabo a rabo como está no papel. Houve suspensões, repetições, mal-entendidos, incongruências, naturais quando a gente fala sem pensar que aquilo vai ser lido. Reproduzo o que julgo interessante. Suprimi diversas passagens, modifiquei outras. (RAMOS, 2006, p. 87).

Por outro lado, em *Vidas Secas* temos um narrador em terceira pessoa, escolha que nem merece discussão, pois é certamente a única possível. Tamanha é a miséria intelectual da família de Fabiano que a entidade narrativa onisciente é fundamental para que o texto simplesmente exista, caso contrário estaria o leitor restrito aos limitadíssimos diálogos e monólogos das personagens, cujo vocabulário é menos que elementar:

Ouvira falar em juros e prazos. Isto lhe dera uma impressão bastante penosa: sempre que os homens sabidos lhe diziam palavras difíceis, ele saía logrado. Sobressaltava-se

escutando-as. Evidentemente só serviam para cobrir ladroeiras. Mas eram bonitas. Às vezes decorava algumas e empregava-as fora de propósito. (RAMOS, 2008, p. 97-98).

Fabiano também não sabia falar. Às vezes largava nomes arrevesados, por embromação. Via perfeitamente que aquilo era besteira. (RAMOS, 2008, p. 36).

- Os espaços físicos: Em termos de espaço, também encontramos abordagens distintas. Enquanto em *Vidas Secas* temos abertamente declarada a opressão exercida pela natureza, que se revela ampla, dominadora, e cujos efeitos são descritos desde a primeira linha do texto, em *São Bernardo* são raras as descrições de paisagem, presentes apenas a serviço de um ou outro objetivo de seu narrador. Comparemos apreciando um trecho de cada livro:

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. [...] Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala. (RAMOS, 2008, p. 9- *Vidas secas*).

Uma coisa que omiti e produziria bom efeito foi a paisagem. Andei mal. Efetivamente a minha narrativa dá idéia de uma palestra realizada fora da terra. Eu me explico: ali, com a portinhola fechada, apenas via de relance, pelas outras janelas, pedaços de estações, pedaços de mata, usinas e canaviais. Muitos canaviais, mas este gênero de agricultura não me interessa. (RAMOS, 2006, p. 88- *São Bernardo*).

Constatadas estas divergências estruturais entre os dois romances mais famosos de Graciliano, e considerada a coincidente problemática entre o homem e o mundo, nosso objetivo neste artigo passa a ser a análise de um aspecto identitário comum entre os tipos humanos neles presentes, com foco direcionado aos principais personagens, Fabiano, em *Vidas Secas*, e Paulo Honório, em *São Bernardo*.

O problema da identidade é um dos mais controversos e debatidos atualmente pelas ciências sociais. Neste artigo, vamos utilizar alguns conceitos de dois pesquisadores vinculados ao ramo científico dos chamados Estudos Culturais para construirmos nossa base teórica: Tomaz Tadeu da Silva e Kathryn Woodward.

Woodward (2008, p. 39) afirma que as identidades baseiam-se “em uma dicotomia do tipo ‘nós e eles’”, o que quer dizer que marcam-se pela diferença, e que a diferença é “fabricada” (idem, p. 39), ou seja, estabelecida a partir de critérios – que podem ser transitórios, de acordo com as necessidades ou conveniências momentâneas – simbólicos e sociais, que formam o que ela denomina *sistemas classificatórios*. Estes sistemas são, antes de mais nada, excludentes, pois atribuem significados simbólicos a toda a sorte de elementos de modo a torná-los antagônicos entre si, sendo um mais e outro menos valorizado socialmente. Como

exemplo, podemos citar a religião, mais especificamente a diferença entre o que é considerado sagrado – uma porção de água benta – e o que é profano – uma mesma porção de água que não tenha passado por ritual religioso, mas cujas propriedades físico-químicas são as mesmas da anterior.

Assim, Woodward (2008, p. 39-40) conclui que a identidade não é simplesmente o oposto da diferença, mas que existe uma relação de dependência entre estes conceitos. Silva (2008, p. 74-75) reforça este caráter de dependência lançando a ideia de que a identidade não é uma afirmação, e sim uma extensa rede de negações. Por exemplo, afirmar-se brasileiro seria o equivalente a negar todas as outras nacionalidades possíveis. Da mesma forma, afirmar-se diferente de alguém seria negar a semelhança. A propósito, Silva chama a atenção para o modo como normalmente tomamos-nos como ponto de referência para avaliar e classificar o que não somos, como se fôssemos um padrão (idem, p. 76), o que faz com que a identidade seja posterior à diferença, isto é, existente apenas a partir do momento em que esta seja determinada. A diferença passa a ser compreendida então como não apenas o resultado de um processo, mas como o próprio processo pelo qual determinam-se a identidade e, novamente, a diferença.

Ora, um elemento metafórico flagrante nas obras de Graciliano Ramos é a animalização, seja de uma personagem para consigo mesma, seja para com os outros a seu redor. Especialmente em *Vidas Secas*, mas também em *São Bernardo*, são recorrentes as imagens animais a título de compreensão do mundo por parte de seus personagens principais. Tanto Fabiano quanto Paulo Honório são personalidades moldadas pela “vida agreste”, cuja interação com os quadrúpedes é muito mais bem-sucedida do que com os humanos. Neste trabalho, procuraremos no texto referências que nos permitam mapear qual o movimento – de afastamento ou de aproximação – de cada um dos protagonistas das obras em foco com a animalização da própria identidade.

Tomaremos como referência inicial a imagem de Fabiano, construída pela transcrição de seus atos e pensamentos através do narrador em terceira pessoa. Este tipo de narração, entendemos, aliado à estreiteza das ideias de Fabiano, facilitará a marcação das balizas que mais tarde servirão de comparativo com a personalidade mais complexa e menos explícita que é a de Paulo Honório. Em alguns trechos de *Vidas Secas*, Fabiano declara, sem rodeios, sua desumanidade:

– Você é um *bicho*, Fabiano.

Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades.
[...]

– Um *bicho*, Fabiano.

Era. (RAMOS, 2008, p. 18-19. Os grifos são nossos).

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais.

[...] Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o *companheiro* entendia. [...] Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopéias. Na verdade falava pouco. (RAMOS, 2008, p. 20. Os grifos são nossos).

Por vezes esta alusão não é tão direta, mas mesmo assim encerra claro caráter de autoanimalização, referindo-se aos outros como “os homens” e a si mesmo como “um bruto” ou “um cabra”. Em outros momentos, as dificuldades de expressão e de raciocínio – características diferenciadoras da condição humana perante os outros animais – levam o protagonista a uma certa crise de identidade, e novamente, ao cabo de suas parcas reflexões, Fabiano opta por alinhar-se às criaturas com que mais convive, como por exemplo o antigo papagaio da família e os caninos em geral:

– Cambada de...

[...]

Cambada de quê? Soltou um grito áspero, bateu palmas:

– Cambada de cachorros.

Descoberta a expressão teimosa, alegrou-se. Cambada de cachorros. Evidentemente que os matutos *como ele* não passavam de cachorros. (RAMOS, 2008, p. 79. Os grifos são nossos).

A cachorra da família, Baleia, também é item de identificação de Fabiano consigo mesmo e com seus familiares: “Era como se ele tivesse matado uma pessoa da família”. (RAMOS, 2008, p. 99). Finalmente, às vezes é a voz do narrador que aponta semelhanças entre o anti-herói de Graciliano e os quadrúpedes:

A barba ruiva e emaranhada estava invisível, os olhos azulados e imóveis fixavam-se nos tições, a fala dura e rouca entrecortava-se de silêncios. Sentado no pilão, Fabiano derreava-se, feio e bruto, com aquele jeito de bicho lerdo que não se aguenta em dois pés. (RAMOS, 2008, p. 68).

Afastou-se tropeçando, os sapatões de couro cru batendo no chão como *cascos*. (RAMOS, 2008, p. 95. O grifo é nosso).

Os excertos acima são absolutamente esclarecedores. Há as passagens em que Fabiano atribui a si próprio a qualificação direta de bicho, há outras em que se classifica como “bruto” e que não pode “dormir como gente” e, por fim, há as

observações do narrador apontando detalhes como o espinhaço curvo, o jeito de quadrúpede, o beijo e os cascos que, ao lado das dificuldades de raciocínio e de comunicação, fazem dele mais uma montaria – a serviço dos que ele classifica como homens - do que qualquer outro ser. Para arrematar, a identificação com a cachorra Baleia como “alguém da família” não deixa dúvidas: Fabiano identifica-se, ou seja, vê-se igual aos animais e exclui-se da categoria dos humanos, cuja representação, para ele, se dá pela cor da pele do patrão e de seu Tomás da bolandeira, que, além de serem homens brancos, são dotados de capital econômico e cultural, respectivamente.

Capital econômico é o que não falta a Paulo Honório, o anti-herói de *São Bernardo*, que também é branco e, faça-se aqui uma concessão, relativamente culto – detém conhecimentos agrônômicos e zootécnicos, pelo menos, além de ter uma notável capacidade de planejamento e execução. O problema comunicativo que atinge Fabiano não lhe ocorre. O conflito que se lhe abate é de ordem totalmente outra, mas mesmo assim a “vida agreste” o leva a expressar-se por figuras bestiais. A começar por Casimiro Lopes, seu mais fiel empregado: “Gosto dele. É corajoso, laça, rasteja, tem faro de cão e fidelidade de cão. (RAMOS, 2006, p. 19). “[...] acomodou o rifle entre as pernas e ficou imóvel, farejando” (RAMOS, 2006, p. 58).

Depois, amplia a abrangência desse caráter animalesco, como se vê neste diálogo com D. Glória, tia de sua então futura esposa, em que versa sobre a reprodução humana, portanto generalizando:

- Quanto a mim, acho que em questões de sentimento é indispensável haver reciprocidade.
- Qual reciprocidade! Pieguice. Se o casal for bom, os filhos saem bons; se for ruim, os filhos não prestam. A vontade dos pais não tira nem põe. Conheço o meu manual de zootecnia. (RAMOS, 2006, p. 100).

Metafórica, mas não gratuitamente, reduz-se a animal castrado rememorando um episódio passado, quando conta que esperneou “nas unhas do Pereira”, o que demonstra que ele próprio era alvo de sua tendência animalizante. Mesmo as mulheres, gênero pouco conhecido por Paulo Honório, especialmente no sentido mais íntimo, não escapam do mundo silvestre imaginado por ele:

Numa sentinela, que acabou em furdunço, abrequei a Germana, *cabritinha* sarará danadamente assanhada, e arrochei-lhe um beliscão retorcido na popa da bunda. Ela ficou-se mijando de gosto. Depois botou *os quartos* de banda e enxeriu-se com o João Fagundes, um que mudou o nome para furtar cavalos. (RAMOS, 2008, p. 16).

Evidencia-se, portanto, que o fazendeiro concede a si e aos outros, desde o início de seu relato, a condição de animal. As mulheres são comparadas a

cabritas, Casimiro Lopes é, na prática, um cão sobre pernas de homem e Luís Padilha, o antigo proprietário da fazenda que dá nome ao livro, merece variações entre “percevejo” (RAMOS, 2006, p. 58) e “bichinho amarelo” (idem, p. 24).

Quando o abalo causado pela crise na relação com Madalena e, posteriormente, pela morte dela, aprofunda-se, Paulo Honório manifesta desejo de ter uma indiferença sentimental que, para ele, é característica dos bovinos:

Já viram como perdemos tempo em padecimentos inúteis? Não era melhor que fôssemos como os bois? Bois com inteligência. Haverá estupidez maior que atormentar-se um vivente por gosto? Será? não será? Para que isso? Procurar dissabores! Será? não será? (RAMOS, 2006, p. 175-176).

Ao final de sua empreitada como escritor, Paulo Honório acaba por concluir que grande parte dos semelhantes ao seu redor poderia ser enquadrada como animal:

Bichos. As criaturas que me serviram durante anos eram bichos. Havia bichos domésticos, como o Padilha, bichos do mato, como Casimiro Lopes, e muitos bichos para o serviço do campo, bois mansos. Os currais que se escoram uns aos outros, lá embaixo, tinham lâmpadas elétricas. E os bezerrinhos mais taludos soletavam a cartilha e aprendiam de cor os mandamentos da lei de Deus.

Bichos. Alguns mudaram de espécie e estão no Exército, voltendo à esquerda, voltendo à direita, fazendo sentinela. Outros buscaram pastos diferentes. (RAMOS, 2006, p. 217).

Percebe-se que existe um movimento identitário comum entre Paulo Honório e Fabiano. Comum, mas não idêntico: este se sente propriamente um animal, um ser inferior aos homens, dependente de sua benevolência e impotente perante sua opressão. Aquele, por sua vez, inclui, além de si, todas as pessoas de sua relação em uma metáfora de mundo animalizado em que ele, Paulo Honório, não é senão um bicho mais forte do que os outros, mais ou menos aquilo que Fabiano gostaria de ser quando sente orgulho de declarar-se um bicho. Note-se, aliás, a semelhança entre Fabiano e Casimiro Lopes, que tem como extremo oposto a semelhança entre os fazendeiros de cada um dos livros.

Graciliano Ramos, assim, divide as suas criaturas conforme a lei da selva, pelo menos no caso de *São Bernardo*: o mais forte domina o mais fraco; o animal maior, ou, esclarecendo melhor, Paulo Honório, que assim se identifica, sobrevive e se fortalece mais ainda às custas das criaturas que ele identifica como animais menores, que vão morrer ou ficar a seu serviço. Deste modo, podemos apontar, ao lado da já consagrada reificação do mundo em *São Bernardo*, sua animalização completa.

No caso de *Vidas Secas*, o sistema classificatório operado por Fabiano vai dividir o mundo entre o que chamaremos de homens-homens e homens-bichos, ou entre cavaleiros e cavalgadas. A animalização, nesta obra, se dá para Fabiano e sua família, mediante as ideias e visões de mundo exaradas em monólogos, diálogos e observações narrativas, e é uma animalização desprovida de ideais, domesticada, uma metáfora de subumanidade, fraqueza e opressão.

Todavia, existe um aspecto unificador nestes dois sistemas manifestados pelos protagonistas: a falta de solução para seus conflitos com o mundo. Sob este ponto de vista, Fabiano e Paulo Honório são iguais em sua infelicidade, um na luta infinita pela sobrevivência no sertão nordestino, suportando passivamente toda a sorte de humilhações; outro em suas incessantes buscas, primeiro pela aquisição desenfreada de dinheiro e de poder, depois pela redenção de um fracasso e de uma culpa incompreensíveis para seus parâmetros.

Ao igualar os fortes aos fracos, ou os homens-homens (se considerarmos assim Paulo Honório, por sua condição de dominante) aos homens-bichos, Graciliano Ramos acaba exercendo seu conhecido engajamento social. Este congratamento de desgraças resulta culminantemente em deboche: inicialmente, de conceitos capitalistas relativos à autorrealização e ao sucesso e, em segunda instância, da própria ideia de felicidade humana. O dinheiro e o poder são insuficientes para que Paulo Honório se desfaça de uma essência feroz, selvagem, que o conduz a ser tão mal-resolvido quanto o limitado – com limitações em todos os sentidos – Fabiano. Tampouco existe a romantização do meio ou da vida rural por vezes verificada na literatura regional, pois a família de Fabiano está condenada a uma vida de misérias e desilusões, perambulando pelo mundo de modo repetitivo, tangida pela seca, acumulando reveses.

Os anti-heróis de Graciliano Ramos são símbolos do fracasso da humanidade em sua condição de “animal racional”, pois representam tanto a falta de racionalidade – pela carência de capital intelectual, para Fabiano, e pela desvirtuação deste, para Paulo Honório – quanto a inutilidade dela, seja diante da força da natureza, no caso de um, ou diante das atribulações que o próprio homem se inflige, vítima de seu próprio sistema, no caso de outro.

Deste modo, podemos concluir que a animalização do homem é, nas obras analisadas, não apenas um dos elementos importantes de sua constituição, mas também um produto deles. Em outras palavras: ninguém, na obra graciliana, escapa da descrença no homem e em suas ações no mundo, terminando todos, mesmo os que inicialmente não manifestam uma identificação identitária desta ordem, por serem reduzidos à mesma categoria dos animais irracionais.

NOTAS

- ¹ Aluno do Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura Regional, da Universidade de Caxias do Sul. cristiano.pitt@gmail.com

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 4led. São Paulo: Cultrix, 1994.

LIMA, Luiz Costa. *Por que Literatura*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1969.

MAIA, João Roberto. Apontamentos sobre a obra de Graciliano Ramos. In: *Espéculo – Revista de Estudos Literários*. N. 35. Universidad Complutense de Madrid. <http://www.ucm.es/info/especulo/numero35/gramos.html>. Acesso em 02/09/2008.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 83. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. *Vidas Secas*. 106. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

Texto recebido em: 06.05.09

Texto aprovado para publicação em: 20-10-2009